



**Departamento de Letras
Curso de licenciatura Plena em Letras**

IANES SWERDY DE MORAES SILVA

CAPITÃES DA AREIA: SOB AS MARCAS DE UMA INFÂNCIA MARGINALIZADA.

Guarabira

2013



CAPITÃES DA AREIA: SOB AS MARCAS DE UMA INFÃNCIA MARGINALIZADA.

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação em Letras.

Orientadora: Prof.^a. Dr. Maria Suely da Costa

Guarabira

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S856C Silva , Ianes Swerdy de Moraes

Capitães da areia: sob as marcas de uma infância marginalizada / Ianes Swerdy De Moraes Silva. – Guarabira: UEPB, 2013.

17 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof^a. Dra. Maria Suely da Costa.

1. Literatura Brasileira 2. Sociedade Burguesa 3. Preconceito I.
Título.

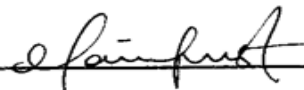
22.ed. CDD B869.3

IANES SWERDY DE MORAES SILVA

CAPITÃES DA AREIA: SOB AS MARCAS DE UMA INFÂNCIA MARGINALIZADA.

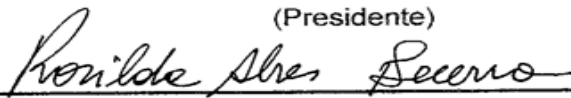
Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação em Letras.

BANCA EXAMINADORA



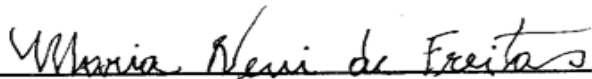
Prof. Dra. Maria Suely da Costa

(Presidente)



Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra

(1ª Examinadora)



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas

(2ª Examinadora)

CAPITÃES DA AREIA: SOB AS MARCAS DE UMA INFÂNCIA MARGINALIZADA.

RESUMO

Este texto trata da identidade do personagem Pedro Bala e a sua relação de poder dentro do contexto literário da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. A trama enfatiza a postura adotada por meninos de rua que ora são considerados mocinhos, ora bandidos, envolvidos por um ambiente físico e emocionalmente mal estruturados. O trabalho objetiva apresentar uma leitura do romance, observando aspectos mascarados pelas diferentes categorias narrativas, a saber, do próprio enredo. O aporte teórico da discussão teve como foco a relação entre literatura, realidade social e econômica. O enredo do romance mostra uma sociedade marcada por preconceito e diferenças socioeconômicas, entretanto foi possível identificar registros de demonstração de carinho, respeito e afeto, intensificados pela necessidade das personagens envolvidas. O medo é uma das condições de sobrevivência dos capitães da areia. Assim, este estudo contribuiu não apenas em minutar uma dada interpretação, mas, sobretudo, em averiguar que a sociedade impõe alguns limites que induzem a condições inconsistentes de padrões estabelecidos atuantes na burguesia.

Palavras-chave: mocinhos-bandidos, preconceito, sociedade burguesa.

Introdução

A Literatura Brasileira foi influenciada por diversas vertentes europeias a fim de aproximar padrões e culturas modernas as quais colaboraram para o aperfeiçoamento de métodos expressivos à luz do avanço e da liberdade de expressão. Dentro do gênero da narrativa, na segunda fase do Modernismo brasileiro, é que se efetivou o denominado romance de 30, caracterizado pelo despontamento da realidade brasileira apresentada em sua diversidade regional e cultural.

Embebido das multifaces regionais, o escritor Jorge Amado encurta a distância da relação entre ficção e realidade com a publicação da obra *Capitães da Areia* (1937), romance voltado para as denúncias sociais, frisando a opressão de classes e a infância abandonada e dolosa. Neste romance, os meninos são vítimas

da exposição à vida adulta precocemente, e têm de lidar com um cotidiano subversivo, no qual a ausência da família, dos bons costumes e da escola são as raízes dos problemas encontrados na luta pela sobrevivência.

Atualmente, verifica-se que a violência urbana relaciona-se com o tráfico de drogas, vício alucinante e por muitas vezes irreversível. Já os garotos em *Capitães da Areia*, contudo, alimentavam apenas o desejo de fazer justiça e, sobretudo a liberdade, que para eles era o bem maior do mundo. Mediante o envolvimento que os menores abandonados sobreviventes tinham com uma realidade infeliz e repleta de empecilhos. É sobre estes personagens que abordamos o modo como são postos na narrativa, configurando aspectos de “mocinhos/bandidos”, os quais tiveram sua pureza infantil abandonada e perseguida.

Dessa forma, a hipótese que direciona essa leitura é a de que a trama de *Capitães da Areia* tende a demonstrar que a dura realidade faz dos garotos bandidos mediante as desigualdades sociais e, simultaneamente, os torna mocinhos em função da sensibilidade e fragilidade de criança.

Entendemos que para angariar esclarecimentos sobre a relação de poder existente entre o líder de *Capitães da Areia*, Pedro Bala, e o restante do grupo, precisaríamos frisar como recurso, a identidade daquele e confrontarmos duas vertentes: mocinhos e bandidos, marcando com relevância o contexto social – o qual fora marcado por uma política de ideologias acompanhadas por abalos na ordem institucional do país - influenciador das desigualdades socioeconômicas. Apoiamo-nos primordialmente na obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado, bem como *Criaturas de Jorge Amado* analisadas por Paulo Tavares; Seleção de textos criticados por Álvaro Cardoso Gomes e Sônia Regina Rodrigues; artigos científicos com temas relacionados, Cândida Vilares Gancho.

Estruturalmente, o artigo apresenta-se organizado em torno de conceitos introdutivos, seguidos do contexto da obra estudada, focalizando alguns costumes e comportamentos da época; sequencialmente abordamos os elementos narrativos da obra em estudo, em outro momento incitamos análises sobre a identidade e as relações de poder entre os componentes do grupo de meninos abandonados. Finalizamos retomando ideias, que perpassaram o texto, logo, concluímos sobre os aspectos objetivados na análise da narrativa de Jorge Amado.

Conflito de classes

Em 1937, quando foi *publicado* o romance *Capitães da areia* de Jorge Amado, o Brasil particularmente vivia um período evidenciado por conturbações de todos os campos, inclusive na Literatura. A classe média e a operária se fortaleceram de tal modo que puderam participar cada vez mais da política. O período marca imposição de poder e as lutas travadas na intenção de combater estas medidas ditatoriais. Vejamos o trecho:

Denominada de Estado Novo, a Ditadura Vargas, prolongou-se até 1945, período que se conferiram evidentes restrições de liberdades individuais e coletivas no País; houve a outorga da Constituição Federal de 1937; concretizam-se perseguições políticas e restrição de direitos. Tudo isso em um ambiente de populismo trabalhista e de orquestração da propaganda oficial para exaltar a figura do ditador Getúlio Vargas, que chegou a ser denominado de Pai dos Trabalhadores. O ambiente político de então, inclui em sua trama os movimentos grevistas de trabalhadores das docas da Bahia. João de Adão, líder dos doqueiros, e Loiro, morto durante manifestações grevistas e pai de Pedro Bala, um dos Capitães, são personagens que encarnam a luta dos trabalhadores E Pedro dá continuidade a esta luta. (PINHEIRO)

Algumas revoluções e greves no Brasil foram planejadas e executadas por estudantes, os quais possuíam reflexos de pensamentos advindos de ideologias europeias e buscavam seus direitos recorrendo a movimentos grevistas. Na narrativa este período é enfatizado no capítulo XXV: “São condutores de bondes, negros fortes, mulatos risonhos, espanhóis e portugueses, que vieram de terras distantes. São eles, que levantam os braços e gritam iguais aos Capitães da Areia. A greve se soltou na cidade.” (AMADO, 2009, p. 250-251)

O romance também aborda outras várias temáticas, tais como: a saúde pública, a bandidagem, o estupro, menores abandonados, crenças e religiões. E todas estas giram em torno de uma entrelinha que deixa implícito a influência social de costumes impostos por uma sociedade aristocrática, a qual é refletida no desenvolvimento social, psicológico e educacional de meninos sobreviventes de

desafios e opressões. Diante disto, a ideologia burguesa é validada pelos representantes do Poder Judiciário, endossada pelo clero e transmitida pela mídia.

A busca constante dos meninos do trapiche por uma vida “normal” é alimentada pelo desejo de justiça e melhorias para a classe operária. Jorge Amado faz parecer que essas lutas fazem alusão aos problemas enfrentados por ele contra sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro. A respeito da Constituição de 1937, uma das disposições propostas era de retirar do trabalhador o direito de greve; na realidade não aconteceu.

Segundo Ricardo Sampaio (2012), o momento político do ano de 1937 traduz o autoritarismo de seu governante, influenciando significativamente nas leis, a exemplo disso, temos que: a imprensa escrita, o cinema e o rádio estavam submetidos à rígida censura, a pena de morte seria aplicada em casos de crimes contra a ordem pública e a organização do Estado.

A revolução de 30, da qual Jorge Amado identifica-se, significou a base da restauração de costumes políticos e evidenciou uma onda de instabilidade e fervor, resultando numa aguda repercussão sobre a atitude do ordenamento do país; a invasão de novas ideias e projetos de mudança. Todos estes eventos elucidaram o enredo de *Capitães da Areia*.

Retrato da vida dos menores abandonados

Em meio a violentas crises ocorridas na década de 30, dá-se o amadurecimento e intensificação do romance de cunho regionalista, o qual tomou caminho pela visão crítica dos problemas sociais. Nesse clima de crise e descontentamento, Jorge Amado demonstra ficcionalmente em *Capitães da Areia* a luta de classes.

O romance retrata a vida de menores abandonados que vivem num velho trapiche – armazém, onde se guardam mercadorias importadas e para exportar - na cidade da Bahia. O grupo de aproximadamente cem meninos é liderado por Pedro Bala, o qual se tornou líder após vencer uma luta memorável, do antigo chefe Raimundo, o caboclo. Essa história de denúncia descreve o dia a dia do grupo e seus recursos para conseguir alimento e dinheiro. O narrador tem uma visão por trás, ou seja, uma relação onisciente, pois sabe aquilo que se passa no íntimo das

personagens dentro da narrativa, e em terceira pessoa, procura evidenciar que as desigualdades sociais é que levam ao crime e à marginalização; com uma linguagem simples, mostra o contraste entre a humanidade e a sensibilidade das crianças e a desonestidade de classes dominantes. Admiti-se essa afirmativa no trecho em que relata a indiferença de crianças burguesas e meninos de rua num momento de recreação:

E foi um grupo com o padre para a praça. Vários não foram, o Gato inclusive, que foi ver Dalva. Mas os que iam pareciam um bando de bons meninos que vinham do catecismo. Se estivessem bem vestidos e limpos, pareceria um colégio de tão em ordem que eles iam. Na praça rodaram tudo com o padre. (AMADO, 2009, p. 77)

Quase junto do palácio do governo pararam novamente. Professor ficou giz na mão esperando que saísse do ponto do bonde um “pato”. Pedro Bala assoviava ao seu lado. Breve teriam o dinheiro para um bom almoço (...). (AMADO, 2009, p.135)

Alguns conflitos ocorridos na narrativa se deram através da necessidade de igualdade; os capitães ansiavam nivelar os direitos a uma sociedade uniforme, que fosse capaz de acolher crianças órfãs como cidadãos. As personagens caracterizam-se como redondas, pois apresentam características físicas, psicológicas, ideológicas e morais. Quanto as suas atuações no enredo são vistas como protagonistas; tendem ao heroísmo pela necessidade de sobrevivência e o combate à desigualdade:

Moleques de todas as cores e de idade as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, [...] Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas (AMADO, 2009, p. 26/27).

O romance narra relações de fatos e relações casuais dentre um evento e outro, de forma a montar quadros – reportagens sobre o destino dos personagens atuantes/protagonistas, não seguindo, assim, a estrutura convencional da narrativa.

Pedro Bala, o líder generoso de todo o grupo é apaixonado por **Dora**, única menina admitida no grupo depois de ter perdido a mãe; entre os menores, ela representa a figura materna. Por amor a ela **Pedro** inicia um processo de transformação e tomada de consciência que mais tarde o levarão à ação política social. O negro **João Grande** é a referência de força física no grupo, é forte, disposto e temido, acompanhado de **Volta Seca** que se diz afilhado de Lampião e não tinha afinidade com as autoridades, topam qualquer briga.

Num grupo de cem meninos, há uma mescla de personalidades, e dentre estas, o **Professor João José** “intelectual” quando comparado aos demais, pois gostava de desenhar e o único que sabe ler. Já o **Sem-Pernas** é quem sente mais carência de um lar, a ponto de se infiltrar em casas de famílias durante uma semana, se passando por perdido. Outro personagem que expressa carência é o **Pirulito - Antônio**, porém este busca suprir essa ausência no misticismo e devoção por Nossa Senhora das Sete Dores.

Devido à proximidade que os menores têm com a marginalidade acabam iniciando a vida sexual precocemente, e o personagem/atuante **Gato** vive entre as prostitutas e se envolve com Dalva por um longo período. **Boa-Vida**, como bem diz o nome, pouco faz pela vida, deixa-a correr, sem se preocupar; contenta-se com as mulheres que sobram de **Gato**. O Querido-de-Deus é o mais célebre capoeirista da cidade e pouco compartilha o trapiche com os outros meninos.

E para inteirar essa mescla de personalidades há a presença de três personagens coadjuvantes: padre José Pedro; Don’Aninha; João de Adão; dentre muitos outros. Cada qual possui sua relevância para o enredo do romance.

Quanto ao tempo, a duração, da narrativa se dá através do tempo cronológico, posto que, os fatos transcorrem numa sequência sucessiva e linear. Apesar da ausência de datas durante a narrativa, a época, ou seja, o pano de fundo em que se passa a história contada é o ano de 1937, pois retrata comportamentos e costumes vivenciados neste período:

[...] Fazia já uma semana que o Gato avisara a meio mundo: - Vi um anelão, seu mano, que nem de bispo. [...]” (AMADO, 2009 p.31)

“[...] aos condutores de bonde que estão em greve. [...] Vão para a porta do sindicato.[...] São os condutores de bonde, negros fortes,

mulatos risonhos, espanhóis e portugueses, que vieram de terras distantes.”(AMADO, 2009 p. 248/250)

Já o espaço social (ambiente) da obra, os Capitães da areia vivenciaram momentos inesquecíveis e inusitados em várias partes, ruas, becos, casas da Bahia, mas o espaço geográfico privilegiado da narração é o velho trapiche abandonado, que é descrito em pormenores pelo narrador:

Nas grandes e negras pedras dos alicerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. [...] Antigamente diante do trapiche se estendia o mistério do mar oceano [...] E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões, o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na brancura do cais. (AMADO, 2009, p. 25)

O ambiente, ou melhor, o espaço social vivenciado pelos personagens protagonistas mostra as marcas de uma infância carente. Numa época de repressão política, as condições sociais dos menores abandonados eram hostis, faziam parte de um grande grupo da sociedade desprivilegiada socioeconomicamente, precisavam praticar furtos e golpes para se manterem vivos e alimentados.

Em concomitância, os menores infratores tinham o amparo do padre José Pedro e sua religiosidade e ensinamentos, e a proteção da mãe-de-santo D’Aninha e suas crenças. Observemos as seguintes citações:

O chefe dos Capitães da Areia ia pouco aos candomblés, como pouco ouvia as lições do padre José Pedro. Mas era amigo tanto do padre como da mãe-de-santo. [...] o padre José Pedro dizia que os pobres um dia iriam para o reino dos céus, onde Deus seria igual para todos. [...] No reino dos céus seriam iguais. Mas já tinham sido desiguais na terra, a balança pendia sempre para um lado.” (AMADO, 2009, p. 93-94)

Quanto ao foco narrativo, a obra é contada por um narrador-observador, o qual situa os acontecimentos empregando verbos e pronomes na terceira pessoa. Caracteriza-se como parcial, se identifica com determinada personagem da história e mesmo não o defendendo explicitamente, permite que ele tenha mais espaço, isto é, maior destaque na história. (GANCHO, 2006, p.32)

Pedro Bala, enquanto sobe a ladeira da montanha, vai pensando que não existe nada melhor no mundo que andar assim, ao azar nas ruas

da Bahia. [...] Tomou uma atitude de lutador, um braço estirado [...] O homem tocava e cantava uma moda da cidade da Bahia: Quando ela disse adeus.../ meu peito em cruz transformou (AMADO, 2009, p. 131-134)

Tomando como referência o tema – assunto – mensagem, de acordo com os apontamentos de Gancho (2006), *tema* é a ideia em torno da qual se desenvolve a história. Dessa forma, a desigualdade socioeconômica envolve o enredo de *Capitães da Areia*, pois é a abstração subjacente do assunto exposto:

Mas lá em cima os homens ricos se vacinaram, [...] E a varíola desceu para a cidade dos pobres e botou gente doente, botou negro cheio de chaga em cima da cama. Então viam os homens da saúde pública, metiam os doentes num saco, levavam para o lazarento distante. As mulheres ficavam chorando, porque sabiam que eles nunca mais voltariam.” (AMADO, 2009, p. 139)

[...] Aprendeu que não era só no sertão que os homens ricos eram ruins para com os pobres. Na cidade, também. Aprendeu que as crianças pobres são desgraçadas em toda parte, que os ricos perseguem e mandam em toda parte. Sorriu por vezes, mas nunca deixou de odiar. (AMADO, 2009, p. 238)

Consequentemente, *assunto* é a concretização do tema desenvolvido na narrativa, assim a obra expõe a luta pela sobrevivência dos menores abandonados.

[...] Não seriam meninos toda vida... Bem sabia que eles nunca tinham parecido crianças. Desde pequenos, na arriscada vida da rua, os Capitães da Areia eram como homens, eram iguais a homens. [...] Quando outras crianças só se preocupavam com brincar, estudar livros para aprender a ler, [...] Nunca eles tiveram pai e mãe na vida da rua. E tiveram sempre que cuidar de si mesmos, foram sempre os responsáveis por si.” (AMADO, 2009, p. 235-236)

De acordo com Gancho (2006), *mensagem* é um pensamento ou conclusão que se pode depreender da história lida, deste modo, com determinação e força de vontade consegue-se vencer obstáculos e concretizar objetivos:

Pedro Bala foi aceito na organização [...] Agora comanda uma brigada de choque formada pelos Capitães da Areia. [...] Intervêm em comícios, em greves, em lutas obreiras. O destino deles é outro. A luta mudou seus destinos.” (AMADO, 2009, p.259)

Sucintamente, o tema – assunto – mensagem expostos em *Capitães da Areia*, são representados explicitamente com a passagem de Pedro Bala pelo “Reformatório”, este é a representação do próprio Estado que repudia e reprime. Neste modelo de instituição que tem o objetivo de reparar danos e melhorar comportamentos, foi que Pedro experimentou métodos “educativos” – “[...] davam-lhe de todos os lados. Chibatadas, socos e pontapés. O diretor do reformatório levantou-se, sentou-lhe o pé, Pedro Bala caiu do outro lado da sala.” (AMADO, 2009. p.195). A obra em si é um tracejo de lutas contra a injustiça social e a opressão, movidas pelo anseio de exercer plenamente os direitos individuais e sociais.

Os diálogos são postos na obra por meio do discurso direto, pois há o registro integral das falas das personagens, do mesmo modo como elas dizem. O narrador se limita a introduzi-las, assim o registro é feito com travessões: verbos de elocução; dois-pontos; travessão (na outra linha).

[...] Suas mãos desciam ao longo do seu corpo, deitou-a com esforço. Ela agora repetia num refrão:
 – Me deixa, desgraçado... Me deixa, desgraçado... [...]
 E como seu maior desejo já se satisfizera, e como aquela angústia do princípio da noite voltava a dominá-la, ele falou:
 – Se eu te deixar, tu volta amanhã?(AMADO, 2009, p. 90-91)

É surpreendente a atualidade dos temas de *Capitães da Areia*. O assunto e as questões sociais que o livro explora em profundidade são, em larga medida, os mesmos da “cidade da Bahia” e de muitas outras cidades, do Brasil e da América Latina. (HATOUM, 2009. p. 265)

Os conteúdos na obra apresentados são temas dimensionais do cotidiano brasileiro e revelam realidades. Assim, são contribuintes na construção de significados sociais dos personagens envolvidos na trama.

Mocinhos versus bandidos: Identidade de Pedro Bala / Relações de poder

A narrativa analisada, por vezes, deixa implícita a vertente mocinhos-bandidos, deixando a cargo do leitor esta possível interpretação. O vocábulo *criança s.f.* 1. *Ser humano de pouca idade, que está na infância; infante.* 2. *Pessoa infantil, ingênua.* (LAROUSSE, 1992 p. 290), sugere que os *mocinhos* em questão o são porque ocupam o lugar dos heróis da obra. Heróis por conseguirem se sobressair numa sociedade desigual e marginalizada e o conseguem por possuírem expectativa pueril, a qual faz parte do universo das crianças.

Simultaneamente, preenchem critérios pertencentes a bandidos, pois vivem na marginalidade e através dela cometem falcatruas e assim são submetidos a sofrer as consequências tortuosas da detenção. Observemos:

Se chegassem a descobrir que ele era o chefe dos Capitães da Areia talvez nem para o reformatório o mandassem. Muito provavelmente iria diretamente para a penitenciária. Porque do reformatório se consegue fugir, mas da penitenciária não é fácil. (AMADO, 2009. p. 100)

O conjunto de dados exclusivos de Pedro Bala caracteriza o seu perfil de liderança, pois prover lealdade e solidariedade e não consente a traição, que para eles é sinônimo de amoral. Provido desta identidade, não poderia fazer parte do grupo senão como líder. O poder, ou seja, o domínio que Pedro possui sobre o grupo é que faz deles Capitães, pois no cais da Bahia eles são os maiores por seguirem instruções do chefe que desde cedo foi nomeado assim.

O vínculo entre o autor e a sua personagem estabelece um limite à possibilidade de criar, à imaginação de cada romancista, que não é absoluta, nem absolutamente livre, mas depende dos limites do criador. (CANDIDO, 2000 p.68).

Neste caso, Jorge Amado evidencia em Pedro Bala uma postura revolucionária, capaz de batalhar por seus interesses -“Porque a liberdade é como o sol, o bem maior do mundo.” (AMADO, 2009, p. 239).

Essa postura de revolução é marcada pela relação que o autor tem com sua obra, posto que Jorge Amado deixa transparecer em Pedro Bala a posição que ele talvez adotasse em determinadas circunstâncias que exigem atitudes de coragem e autonomia.

De acordo com Bakhtin (1988), a ação do herói do romance é sempre sublinhada pela sua ideologia. Pedro concede vida a suas aspirações e impõe seu espírito de poder e liderança e usa-os em favor de seus interesses: “[...] Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe” (AMADO, 2009, p. 27). Desempenha o papel de protagonista, pois é o personagem principal e se caracteriza como herói, devido sua postura e características superiores aos outros do grupo:

[...] o chefe dos Capitães da Areia: Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem quinze anos. [...] Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa [...] Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia,[...] (AMADO,2009, p. 26-27).

Pedro Bala não possui apenas qualidades físicas, desfruta também de atributos morais, entretanto, o meio e a necessidade de sobrevivência sorviam os melhores sentimentos e atos que possuía. Além do que, por vezes deixou sobressair seu perfil de chefe linha dura:

[...] Pedro Bala tomou medidas violentas, expulsou os passivos do grupo. [...] arrancou a pederastia de entre os Capitães da Areia como um médico arranca um apêndice doente do corpo de um homem.” (AMADO, 2009, p. 108)

[...]

[...] –É o chefe dos tais Capitães da Areia. Veja... O tipo do criminoso nato. [...] Traz todos os estigmas do crime na face. [...] Não pode ser tratado como um qualquer. Vamos dar honras especiais...” (AMADO, 2009 p.196)

Sobretudo, a marca de chefe compreende antes de tudo a incumbência de arquitetar planos e ministrar tarefas, pois o que unia os Capitães era a miséria e a luta contra todos e contra a cidade que diante de tantos empecilhos se tornou sua maior inimiga.

Conclusões

O objetivo deste texto foi a leitura do meio de sobrevivência dos menores abandonados, que destituído de poder aquisitivo, ultrapassam conceitos e o senso comum e vão à busca de seus desígnios e de como a personalidade aguçada num desejo de justiça, pode ser vista como domínio. Ainda vivemos numa sociedade díspar e hipócrita, que esconde suas falhas e preconceitos por trás de costumes e princípios.

Essa temática foi focalizada por Jorge Amado, e através da história desses menores abandonados foi possível relacionar a realidade vivenciada na obra com os dias atuais. Os ecos presentes no texto de Jorge Amado indicam que o autor esteve em estreito contato/diálogo com o que se passava no cenário brasileiro na época.

A temática das crianças que vivem nas ruas continua bastante atual. Para escrever *Capitães da Areia*, Jorge Amado foi dormir no trapiche com os meninos. Isso ajuda a explicar a riqueza de detalhes, o olhar de dentro e a empatia que estão presentes na história.” (GATTAL, 2009 p. 263)

Dessa forma, Jorge Amado contribuiu para o reconhecimento das características identitárias brasileiras, explícitas na literatura baiana, como pudemos observar durante todo o estudo. À luz deste esclarecimento ampliou a compreensão, através da relação de poder, amplos significados atribuídos às crianças e aos adolescentes ao longo da história social brasileira.

Por fim, o retrato da mescla de conceitos e comportamentos que envolvem a sociedade da Bahia, ressaltados em *Capitães da Areia*, são tão somente visões de traços peculiares, - de um país com uma forma estereotipada para atuar dimensionalmente com o abandono, a carência e o conflito com a lei - de crianças marginalizadas.

Referências

- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AMADO, Zélia Gattai. In: posfácio. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: editora HUCITEC, 1988.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, A. ET AL. **A personagem de ficção**. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GOMES, Álvaro Cardoso; NEVES, S. Regina Rodrigues. **Seleção de textos, notas, estudo histórico e crítico de Jorge Amado**. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1990.
- HATOUM, Milton. In: posfácio. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LOVISOLO, Elena. ET AL. **Larousse Cultural: Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Cultural, 1992.
- TAVARES, Paulo. **Criaturas de Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1985.
- PINHEIRO, Ângela. **Capitães da Areia: apontamentos de uma leitura crítica**. Disponível em: < <http://www.cedecaceara.org.br/?q=noticias/350>>. **CEDECA - CEARÁ | Centro de Defesa da Criança e do Adolescente do Ceará**. Acesso em:
- SAMPAIO, Ricardo A. Macieira. **A Constituição de 1937 a partir de sua retrospectiva e conseqüente progresso**. Disponível em: <<http://www.viajus.com.br/viajus.php?pagina=artigos&id=4741&idAreaSel=16&seeArt=yes>>. Publicado em 06 set. 2012. Acesso em: